

CARTOGRAFIAS DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE: O PROCESSO URBANO DA CIDADE E A OCUPAÇÃO DO BAIRRO DAS MALVINAS (1983).

Autor: Paula Sonály Nascimento Lima, Osmael Márcio de Sena Oliveira. Orientadora: Keila Queiroz e Silva

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, email: paula.sonaly@hotmail.com
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; email: keilaqueirozesilva@gmail.com
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; email: osmaelmarcio@hotmail.com

Resumo: O artigo tem por objetivo buscar compreender o processo urbano da cidade de Campina Grande - PB e a construção do bairro das Malvinas nela inserido, refletindo sobre a importância da história do cotidiano e da história local para o processo educativo no ensino de História, como meio de entendimento da construção da identidade e da memória sócia. A ocupação do Conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz, posteriormente conhecido como Malvinas, no ano de 1983, tem, ainda, um forte destaque na cidade e relação sentimental com os moradores. O trabalho enfatiza sobre o processo histórico das habitações sociais na cidade e a luta de pessoas para conquistarem a sua casa própria. Para isso, dialogaremos com autores que possuem uma maior compreensão sobre cidade, memória, identidade e as relações sociais e cotidianas, enfatizando Michel de Certeau como principal teórico abordado. Além de tentar refletir como este movimento social pode contribuir para a prática docente e aprendizado do discente, problematizando com metodologias que contribuam um ensino-aprendizagem de História relacionada com a realidade social e o pertencimento com o lugar. Visto que é a partir do seu local que o (a) aluno (a) começa a construir a sua identidade; compreendendo que, devemos valorizar a memória dos sujeitos históricos que constroem as suas histórias diariamente.

Palavras-chave: Cidade, Campina Grande, Bairro das Malvinas, Ocupação, Moradia.

INTRODUÇÃO

Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. **A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado.** [...] A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. **Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.**” (CALVINO, 1991, P.14-15, grifo nosso).

Essa história começa com passos, caminhadas, sujeitos. As suas caminhadas moldam o espaço, as suas agitações, são inúmeras singularidades. Tecem os lugares. Criam os espaços. Eles se espacializam. Os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços e as trajetórias (CERTEAU, 2009. P. 163). Criam as suas cartografias desejadas. As formas de pertencer ao lugar, as suas astúcias em permanecer nele. São os caminhantes que nos trazem as fala dos seus passos, do seu espaço, do bairro.

A cidade é isso, as relações entre o espaço e os acontecimentos. Nela contem recordações, identidades, singularidades. O passado da cidade está entre as ruas, entre as casas, entres as janelas, nas escadas. Assim como Ítalo Calvino relata na citação anterior, a cidade é feita por traçados e planos, estando inseridas nos caminhantes por meio de lembranças, sentimentos e emoções.

Estudando a cidade de Campina Grande¹, procuramos conhecer homens e mulheres com experiências vividas, que fabricam a o espaço. Ao longo dessa escrita, o recorte que ganhará forma será as configurações do bairro das Malvinas, ao longo dos anos da sua construção em 1983 e as conquistas que tornou o bairro, hoje, no maior da cidade. Falar de um bairro e das significações que sua ocupação e criação formaram em sua construção histórica pode fazer pensar de uma forma bem mais ampla, sobre os momentos históricos da cidade.

¹ Campina Grande é um município brasileiro no estado da Paraíba. Considerada um dos principais polos industriais da Região Nordeste bem como um dos maiores polos tecnológicos da América Latina, foi fundada em 1 de Dezembro de 1697, tendo sido elevada à categoria de cidade em 11 de outubro de 1864. Pertence à Microrregião de Campina Grande e à Mesorregião do Agreste Paraibano. De acordo com estimativas de 2016, sua população é de 407.754 habitantes, sendo a segunda cidade mais populosa da Paraíba, e sua região metropolitana, formada por dezenove municípios, possui uma população estimada em 638.017 habitantes. Disponível em <https://www.campinagrande.pb.gov.br/governo/o-municipio/> Acesso dia 05/10/2017.

A sociabilidade encontrada na cidade, sempre registrada de ações sociais que nos fazem analisar sobre a cidade de Campina Grande - PB e as suas relações, tem ganhado significações ao decorrer do tempo. Começamos a observar a cidade e os seus planejamentos e como alguns objetivos pensados para o lugar foi se transformando devido a ocupação do bairro das Malvinas com o redesenhamento da cartografia da cidade.

Nasci em Campina Grande e desde criança até os dias atuais moro no bairro estudado. Enquanto historiadora, meu olhar sobre a cidade e, principalmente sobre o bairro foi sendo construído pelas vivências e experiências dos moradores. Cresci escutando sobre a diferenciação da história do lugar, por ter sido um local de lutas e conquistas. Isto é algo que traz uma memória de sentimento de orgulho, pertencimento e valorização sobre o que os indivíduos vivenciaram durante a invasão/ocupação do espaço. Foi a aproximação com o lugar, sendo uma das moradoras, uma das caminhantes deste espaço, ora convivendo, ora explorando, ora estudando, ora territorializando os lugares que fez florescer o desejo da pesquisa, atualmente, pesquisa que possibilitou o ingresso na Pós-graduação de História da UFCG, na linha de pesquisa Cultura e Cidades.

Adentrando no objeto de estudo desta pesquisa, na visão histórico-social, o bairro, espelho das circunstâncias temporais, ainda mais perceptíveis com a urbanização, traduz diferentes espacializações da vida social da cidade, surgindo dentro da história do urbano, como um ícone na busca de resultado da construção histórica e social do espaço.

Além de que experimentar a cidade é algo que os grupos populares fazem muito bem, pois o espaço urbano é uma extensão da casa. A cidade é composta e vivenciada por formas, essências e práticas de trabalho, de lazer, de solidariedade, de violência, de lutas e de conquistas.

As relações que os indivíduos estabelecem entre si configuram-se espacialmente. São processos de subjetivação individual e coletiva e não relações funcionais do tipo uso ou relações de uso: aqui lugar de morar; aqui lugar de trabalhar; aqui lugar de circular. Estas seriam relações puramente funcionais; só que a cidade não é isso. Para além delas existe todo um processo de significação, de percepção e de construção desta territorialidade. então, uma rua, para além de ser um lugar onde se passa ou se deixa de passar, uma rua está carregada de história, está carregada de memória, está carregada de experiências que o sujeito teve, que o seu grupo teve e que a história de seu grupo naquele espaço teve. (ROLNIK, 1192, p. 28; IN: SILVA, 2008, p. 38).

Ao estudar Campina Grande e o bairro das Malvinas, estamos procurando conhecer homens e mulheres que habitaram a cidade e o bairro em períodos e situações específicas, tendo as suas experiências vivenciadas e significações por seus moradores. São os indivíduos que formam a cidade, pois é partir deles que a cidade passa a existir. Como análise sobre as

relações inseridas do bairro e pretendendo apontar uma visão e perspectiva sobre a cidade de Campina Grande, o Conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz se destacou devido ao seu processo de construção e história no bairro.



Figura 1 Multidão invade Conjunto da Cehap. *Gazeta do Sertão*, 27 de março de 1983.

Antes das Malvinas de se constituir como um bairro era apenas um planejamento de casas populares e teve a sua criação antecipada pela invasão/ocupação² de pessoas, para conquistar o espaço. Por causa de uma falta de investimento de conclusão pela Companhia Estadual de Habitação Popular – CEHAP, homens e mulheres invadem/ocupam as casas do Conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz, no ano de 1983, gerando uma mobilização do governo contra estes ocupantes, como cercamento do conjunto por policiais, proibição de entrada ou saída de pessoas e de alimentos no local; propiciando, mobilizações e reivindicações em ações coletivas dos moradores, tentando alcançar mudanças sociais por meio de embates políticos, desarticulando o planejamento urbano da cidade e do Conjunto.

O Conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz foi construído com três mil casas na década de 1980 com o intuito de resolver os déficits habitacionais de populações de baixa renda, mas

² “Toda invasão pressupõe uma ocupação, mas a recíproca não é verdadeira. Entre elas, há uma acentuação de força, ou de legalidade – a invasão evoca ilegalidade” (MARCHEZAN; CORTINA. 2004, P.42). Visto então, há duas perspectivas a ser enveredada: primeiro, a utilização da palavra invasão como algo perigoso, trazendo imagens negativas, termo utilizado pelos jornais. Segundo, a ocupação ameniza a ilegalidade e nos põe a par de uma posse legalizada. Portanto, em detrimento de não direcionar ou me colocar em nenhum dos dois termos, apenas pretendendo analisar suas especificidades, pretendi utilizar invasão/ocupação.

não foi entregue pela CEHAP por não terem concluído a segunda etapa da construção, a infraestrutura: saneamento básico, água e energia elétrica, ficando a obra parada por dois anos. Havia cerca de 15 mil pessoas inscritas para serem escolhidas para receber a casa

Havia uma ineficiência em relação ao projeto habitacional na cidade de Campina Grande, tendo um aumento populacional, porém houve problemas no desenvolvimento urbano da cidade em relação à habitação. Ademais, o surgimento de novas favelas na cidade e o crescimento das existentes aumentaram os problemas sociais no lugar.

Estando inserido nas políticas públicas de habitação social e de ocupação da cidade que vem sendo desenvolvido desde o modelo de urbanização dos anos 30/50, ou seja, os locais dos populares, conjuntos que fossem longe do centro da cidade³. Então, casas foram destruídas, ruas foram alargadas, relocando moradores para outros locais. Dessa maneira, a elite campinense foram para um novo bairro, ao sul do centro, que vinha se valorizando com novos moradores, além do bairro da Prata⁴, que estava sendo incorporada como a extensão da cidade dentro dos novos padrões de urbanismo. Já os moradores de menor poder aquisitivo foram para bairros mais distantes do centro, considerados bairros marginais. (SOUSA, 2003, sp)

Foi a partir do final da década de 1940 e início da década de 1950 que Campina Grande passa por uma significativa urbanização e expansão devido ao crescimento econômico e populacional, o qual se deu, principalmente, por causa da produção do algodão em larga escala. O aumento desta produção no interior paraibano atraiu capital para a cidade, que passou a ser implantado na construção das primeiras indústrias; na disponibilização dos serviços como cinemas, colégios, luz elétrica, abastecimento de água e esgoto e na implantação da linha férrea na cidade. Todos estes aparatos técnicos vão promover uma maior dilatação da cidade para além do centro tradicional. (SILVA, 2013, p.46)

³ “Campina Grande, assim como outras cidades brasileiras, compreendeu uma camada pobre da população no seu espaço urbano, à medida que este começou a se urbanizar. A urbanização se deu nesta cidade especialmente com a chegada do sistema de abastecimento de água, de energia, de esgoto, bem como a concentração de serviços, públicos e privados, que, por conseguinte, acarretam um adensamento populacional. Partindo do pressuposto de que o processo é o permanente devir, então, o propósito de entender a periferização em Campina Grande, assim como estudar o espaço urbano é um grande desafio, na medida em que constituem processos em movimentos.” (SILVA, 2013, P. 48). Neste processo de urbanização, por exemplo, veio de uma ruptura com o padrão arquitetônico, na década de 1930-1940, transformando a cidade e o seu cotidiano, como pode ser percebida no texto de QUEIROZ (2008, P. 15) “[...] entre as décadas de 1930 e 1940, Campina Grande passou pela intensificação de um processo de reformulação urbana pautado nos ideais de higiene, circulação e embelezamento, alicerçado no mesmo lema positivo de PROGRESSO, MODERNIDADE e BELEZA que ainda hoje guia as intervenções sobre o município”.

⁴ “Depois do fim da segunda guerra mundial, instalaram-se e desenvolveram-se indústrias na cidade, o que proporcionou a formação de novos bairros, como a Prata, que seriam ocupados por industriais e comerciantes. Especialmente nesse contexto que se acentua também o processo de concentração fundiária que obriga o homem do campo, sem terra, a procurar a cidade, o que em consequência contribui para um aumento populacional de 114 % entre 1940 e 1950.” (SILVA, 2013, P. 50).

Este processo inicia uma diferenciação urbana entre centro e periferia. A área central transforma-se em uma paisagem com áreas mais modernas, área mais valorizada, destinada ao comércio e à elite da cidade. Por outro lado, surgem as ocupações de novas áreas destinadas às pessoas retiradas do centro e aos migrantes de outras cidades. A população pobre começava a ocupar locais e bairros longe do centro. Portanto, o início da favelização em várias cidades do país como também em Campina Grande está associado ao crescimento populacional e ao êxodo rural em direção aos centros urbanos. Porém, a crescente urbanização está associada, também, com o aumento da pobreza na cidade, pois o local moderno afasta os pobres e trabalhadores de renda baixa.

Os espaços vão ter novas redefinições por causa das ocupações, aglomerações de pessoas, pelas novas moradias. A imagem da cidade vai sendo modificada, as suas formas de sociabilidade e convivência também. A década de 1960 é considerada o auge do desenvolvimento do país, atraindo indústrias automobilísticas, como também de tensões políticas com o golpe militar de 1964. Campina Grande recebe a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), implantando seu Distrito Industrial. Foi destaque no Estado como centro educacional com o desenvolvimento da Escola Politécnica, da Universidade Federal da Paraíba, da Universidade Regional do Nordeste e da construção do Teatro Municipal. (FERNANDES, 2010. IN: SILVA, 2013, p. 50).

A partir de então de então, a cidade passa cada vez mais a servir como instrumento de concentração urbana populacional, sendo forte atrativo o seu comércio e a localização geográfica. Nas décadas de 1970 e 1980, a cidade passou a ser considerada de porte médio e a crise de moradia passou a ser vista como fruto desse processo.

Os moradores populares criam em Campina Grande, com o crescimento da periferia e do problema habitacional, itinerários, pertencças de territórios. Existências heterogêneas dos grupos sociais estabelecidos nos espaços demarcam as suas identidades. Os caminhantes e suas ocupações no território emitem os sentidos de novas paisagens, marcando a dinâmica urbana campinense.

São nos espaços ditos como “ilegais” pelo governo que os sujeitos populares projetam, mobilizam e recriam territórios, demarcando práticas que sublinham seus próprios traços em uma disputa pela cidade. O bairro das Malvinas, conhecido por este nome devido à comparação feita pelos ocupantes com a guerra das ilhas Malvinas, teve a sua forma de organização e reivindicação para o Conjunto, sendo a sua ocupação amplamente divulgada pela imprensa como um símbolo de expressão de marginalidade dos sujeitos. Os moradores

colocam em prática uma organização da cidade que solidifica imagens de dinâmica das lutas sociais, ocupações, conflitos, violências e conquistas.

Visto então, o presente trabalho tem como objetivo problematizar as memórias de moradores na construção de seu lugar por meio dos movimentos, lutas sociais, de acordo com os seus cotidianos em meio aos conflitos, as conquistas para o Bairro e o sentimento de uma identidade presente em muitos moradores até os dias atuais. Assim, demonstrando a importância deste movimento visto às relações entre os sujeitos no contexto social e político de Campina Grande, como o exercício da cidadania como forma de fortalecimento e diferenciação deste bairro na cidade.

METODOLOGIA

Os espaços da cidade são planejados cartograficamente construindo uma cultura de massa que produz indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, de submissão – sistemas esses que o autor GUATARRI (1996) coloca não como interiorizados, ou como algo que deve ser preenchido, mas o que há é simplesmente uma produção de subjetividade.

Nós acreditamos, durante muito tempo, que a história era feita pelos partidos, pelos líderes, pelos grandes movimentos sociais e econômicos. Hoje, percebemos que ela também é feita por esse tipo de onda molecular. Se não levarmos isso em consideração, ficamos às margens dos acontecimentos. (GUATARRI, ROLNIK, 1996, p. 56)

Estes estudos e análises são permitidos devido às mudanças na sociedade e no espaço no decorrer do tempo, assim como a História. Esta, passou por processos teóricos que a modificaram, complementaram, a questionaram e trouxeram releituras sobre os acontecimentos.

O que nos move não são apenas as histórias de grandes pessoas ou acontecimentos, mas as histórias do vistos como minorias, como excluídos. O autor acredita que os movimentos sociais não representam somente a resistência contra esse processo de serialização da subjetividade, mas também, a tentativa de produzir modos de subjetividades originais e singulares, processos de singularização subjetiva. Sendo assim, a “revolução” social tem que deixar o processo de singularização se afirmar.

Michel de Certeau (2009) também aborda sobre práticas micro de resistências que vão construir relações e subjetividades. Os sujeitos forjam táticas ilegíveis, mas estáveis a tal ponto que constituem regulações cotidianas e criatividades sub-reptícias que se ocultam

somente graças aos dispositivos e aos discursos da organização observadora.

Portanto, o autor nos faz pensar numa observação de instrumentalidades menores, capazes de uma organização dos “detalhes”, de transformar uma multiplicidade humana que está inserida numa sociedade “disciplinar”, ou normalizada, e gerir, diferenciar, classificar, hierarquizar os desvios concernentes à aprendizagem, saúde, à justiça, forças armadas, trabalho ou moradia. “Essas astúcias muitas vezes minúsculas da disciplina, maquinarias menores, mas sem falha, tiram a sua eficácia de uma relação entre processos e o espaço que redistribuem um operador”. (CERTEAU, 2009, P. 162).

Este autor possibilita compreender sobre o espaço como a prática do lugar, ou seja, como os sujeitos o transformam a partir de suas ocupações, apropriações e vivências; além das táticas e resistências que são favorecem a problematização da luta gerada no Conjunto pela sobrevivência e a obtenção de uma casa própria.

Seus apontamentos podem ser bem relacionados com a formação do conjunto a ser estudado, como forma de refletir como os sujeitos, em seu cotidiano, simbolizam e modificam o seu espaço, moldando o lugar, já que é sabido que os “invasores/ocupantes” em sua maioria eram constituídos por pessoas simples do povo, trabalhadores de categorias diversas, provenientes de diversas partes da cidade que alimentavam o sonho da casa própria, sendo as Malvinas a oportunidade para concretizá-lo.

Munidos de rádios e armas, os policiais que estão guardado o conjunto invadido têm ordem expressas para não permitir a entrada de qualquer veículo, exceto os militares. Eles também não podem permitir a entrada de pessoas conduzindo móveis ou outros aparelhos domésticos. Até ontem não foi registrado qualquer incidente entre os policiais e os invasores. (Gazeta do Sertão, 06 de abril de 1983).

Há uma tentativa de o Estado impor o seu domínio sobre o conjunto, como há conflitos de poder entre os que estavam habitando o conjunto, por água, por exemplo. Nas relações sociais o poder está inserido.

O cercamento do conjunto por meio de policiais, por intervenção do governo, foi uma forma repressão do governo e neste ambiente tinha diversas táticas que moradores utilizavam para burlar o governo. Os moradores ficavam impedidos de entrar com alimentos ou água e /ou sair do conjunto. Quando as pessoas diziam que não sairiam das casas, insto não queria dizer que não havia métodos realizados pelo poder público para fazer com que saíssem.

Neste contexto, mesmo com a tentativa de intimidação por meio do poder público, havia as resistências. As táticas dos moradores para continuarem no conjunto, burlando o poder do Estado, em meio às astúcias, subvertendo as imposições em que foram submetidos.

Certeau (1994, p. 38), enfatiza que esses modos de procedimentos ou esquemas de ação, se dão sempre no social, “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade”. Portanto, tornou-se possível pensar a cidade e o urbano numa escala menor, mais detalhada, analisando as práticas sociais como o espaço vivido, o lugar das experiências, das trocas, da reprodução da sociedade no cotidiano.

“Armamos alguns espaços urbanos, de cidadezinha à metrópole, cada um à nossa própria maneira, espaços onde se davam modos de sociabilidade ativa, na família e na escola, no bairro, entre vizinhos e companheiros de trabalho.” (CERTEAU, 1996, p.23). Os espaços, portanto, são locais de sociabilidade e que neles estão presentes as relações de poder, as microdiferenças, as micro resistências, as práticas cotidianas. São relações que vão se modificando de acordo com que a cidade ou lugar também se transforma, surgindo novas práticas, as práticas culturais.

Esta invasão/ocupação foi um acontecimento local, mas que até os dias atuais é repercutido na cidade sendo visto como uma movimentação social de luta de moradia, de conquistas, de reivindicações. A memória está relacionada com o cotidiano dos moradores, levando em consideração o diálogo com o ensino de História e o conhecimento científico que redimensiona a importância social na área de construção de conhecimento do estudante, pois fundamenta a possibilidade de estudo e apresentação de movimentos sociais a partir da sua história local. Portanto, relacionar a história e a memória é uma maneira de refletir sobre a ligação estabelecida entre o indivíduo, a comunidade e o mundo social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Certeau (1994), o bairro constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano no qual ele se sente reconhecido. O bairro é o espaço de uma relação com o outro ser social, efetuando um ato cultural, como sair de casa e andar na rua, seria trazer significações para o lugar. O fato de pertencer a um bairro, quando corroborado pela pertença a um meio social específico, vem a ser uma marca que reforça o processo de identificação de um grupo determinado. (CERTEAU, 1994, p. 84). É uma apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública. As relações construídas no espaço tornam-se não apenas objeto de um conhecimento, mas o lugar de um reconhecimento.

Por conseguinte, a prática do bairro é totalmente tributária do “resto” da cidade, centro ou subúrbios modernos. É que o bairro é muito restrito para assumir a totalidade do desejo urbano. [...] Tem portanto necessidade de “outros lugares” dos quais os usuários possam usufruir para enriquecer seu

domínio do espaço urbano em geral. Mas é também esta diferença de prática que o bairro retira um acréscimo de identidade.” (CERTEAU, 1996, p.157)

Os moradores construíram uma significação para o espaço do conjunto, seja por meio de gestos, de memória, como por meio de práticas. Como Certeau (1996) destaca, são modos de fazer dos sujeitos, suas práticas criativas, como eles se utilizam do espaço, quais as suas convivências, os seus cotidianos. Enfim, o que tornou possível a vida no bairro por aqueles praticantes. Eles constituíram um conjunto de sentimentos que fizeram com que ocorresse uma ligação entre as experiências e a construção de uma memória coletiva, podendo até dizer, de uma identidade.

Destacamos que os Parâmetros Curriculares Nacionais de História, demonstram alternativas que favorecem a compreensão dos alunos em relação ao estudo da memória na construção do conhecimento histórico. Entre os conceitos presentes no PCN em relação ao ensino de História, destaca-se a importância da construção da identidade individual e social, conceito este fundamental, já que a identidade e a memória têm uma estreita relação.

É na escola que nossa perspectiva de cidadão e de compreensão da sociedade é formada e ter a oportunidade de trabalhar com uma realidade próxima para fazer os alunos compreenderem sobre as relações sociais, o exercício da cidadania e a construção de sua identidade e pertencimento ao local é de suma importância para a educação.

A história local ganha significado e importância no ensino, exatamente pela possibilidade de introduzir a formação de um raciocínio de história que contemple não só o indivíduo, mas a coletividade, possibilitando a compreensão do entorno do aluno, identificando passado e presente nos vários espaços de convivência. Como também, a História Oral vem intervindo na estrutura ideológica, a partir do papel que exerce a memória na manutenção do costume, da tradição, bem como o papel que exerce a oralidade. (LIMA, 2015).

Este trabalho é fruto das pesquisas realizadas para a futura dissertação, estando assim em fase de maiores reflexões, aprofundamentos e resultados. A pesquisa é associada com entrevistas com moradores que dão um melhor aprofundamento, mas que teve que ser reduzido devido ao limite de páginas.

CONCLUSÕES

As memórias de homens e mulheres que ocuparam o Conjunto ainda são bastante fortes no bairro e também no contexto da cidade de Campina Grande. São pais, são avós de moradores do bairro, que mesmo não tendo participado, estão em

constante presença com as lembranças dos que viveram. O bairro tem na sua marca a sua ocupação, e o orgulho dos que estavam inseridos em dizer que mesmo que tenha sofrido sem água, sem energia e sem saneamento básico, eles conseguiram a sua casa própria. “Era muito difícil, mas hoje é uma vitória, só tenho que agradecer a Deus por tudo. A gente sofreu muito aqui no começo, mas a gente teve a vitória.” (GUIMARÃES, Rejane. 2015).

Aqueles moradores conseguiram criar um bairro um pouco diferente daquelas características que os jornais divulgavam, de lugar inóspito, de perigos. Fizeram daquele lugar um local de alegria, de sentimentos diversos, de reconhecimento. Como afirmado por Certeau (2011), “propriamente uma superfície urbana transparente para todos ou esteticamente mensurável, mas antes a possibilidade oferecida a cada um de inscrever na cidade um sem número de trajetórias”. O bairro das Malvinas foi isso. Não foi a estrutura urbana, mas a relação entre o acessível e o inacessível.

Em um fragmento de uma entrevista concedida por um morador do bairro que vivenciou toda construção do bairro, podemos perceber o quanto é aflorado esse sentimento de pertencimento, de uma memória coletiva dos que vivenciaram o movimento ocupacional.

Acho que hoje no mundo não existe mais um acontecimento como foi aqui nas Malvinas, devido a proporção ne? Porque era muitas casas, 3mil e 500 casas, e muita gente, e vinha gente também para apoiar [...] e tinha esse negócio da água, que era um sofrimento, mas que acabava sendo um divertimento. [...] É, porque assim, hoje, como você tá vendo aqui, é um orgulho falar nessa história porque hoje, algumas conquistas foram concretizadas, foram fruto de lutas, cheio de reivindicações. (MIRANDA, João. Entrevista cedida em 07 de abril de 2015. Grifo nosso).

Assim como o senhor João Miranda, muito participantes da invasão/ocupação, tem um sentimento de orgulho de conquista e de pertencimento com o lugar, tanto individualmente como coletivamente. Mesmo que não tendo a infraestrutura essencial para a vivência em um lugar, os moradores encontravam apoio, seja entre eles, como por exteriores. Era um sofrimento, mas que acabava um divertimento, por estar inserido uma convivência, as redes de sociabilidades que tecem o cotidiano.

A partir do momento que o conjunto habitacional foi ocupado, ele foi transformado, ele se tornou um lugar praticado, devido a uma vivência temporal do sujeito neste lugar, visto que “a convivência é o rito do bairro”, já que a proximidade que o local cria, geram um modo de ser.

Portanto, a história do cotidiano, das relações sociais e a história local, podem ser utilizadas como objeto de estudo nas escolas pelas possibilidades que oferecem de visualizar

as transformações urbanas e sociais realizadas por homens comuns, mas que modificam a história. Além do mais, é a partir do seu local que o (a) aluno (a) começa a construir a sua identidade; compreendendo que, devemos valorizar a memória dos sujeitos históricos que constroem as suas histórias diariamente.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria Jackeline Feitosa. Discursos e imagens: o processo de requalificação urbana de Campina Grande – PB (1970-2000). Tese de Doutorado. João Pessoa, 2011.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 16 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2009.

_____, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do Cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ. 1996.

CORTINA, Arnaldo. MARCHEZAN, Renata Coelho. *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004. .

GUATARRI, Félix. ROLNIK, Suely. *Micropolíticas: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: VOZES, 1996;

LIMA, P.S. “CONQUISTAS QUE FORAM CONCRETIZADAS, FORAM FRUTOS DE LUTAS”: AS MEMÓRIAS NA CONSTRUÇÃO DO BAIRRO DAS MALVINAS EM CAMPINA GRANDE – PB. II CONEDU. 2015. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA2_ID6982_08092015234933.pdf Acesso em 05/10/2017.

MIRANDA, JOÃO. Entrevista cedida em 07 de abril de 2015.

População de Malvinas - Campina Grande - PB
<http://www.brasilsabido.com.br/populacao/campina-grande-pb/malvinas-17889.html>. Acesso dia 20 de maio de 2014.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade. IN *Estudos Históricos: Rio de Janeiro*, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RONIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 2004. 3 ed.

SILVA, Hilmária Xavier. *A invenção de um lugar: vivências e memórias (n)da Favela da Cachoeira (Campina Grande 1959 – 2006)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.